

O RITUAL



MAURÍCIO ZÁGARI

# O RITUAL



mundocristão

Copyright © 2020 por Maurício Zágari  
Publicado por Editora Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (usado com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo indicação específica.

Esta é uma obra de ficção, que recorre à liberdade criativa para transmitir as reflexões do autor sobre a vida cristã. A organização secreta criada para compor a trama deste livro, portanto, é fruto da imaginação, e os nomes, pessoas ou acontecimentos relacionados a essa organização são todos fictícios.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

Z23r

Zágari, Maurício

O ritual / Maurício Zágari. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2020.

ISBN 978-65-86027-34-1

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Título.

20-64424

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)

*Edição*  
Daniel Faria

*Revisão*  
Natália Custódio

*Produção e Diagramação*  
Felipe Marques

*Colaboração*  
Ana Luiza Ferreira

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69  
São Paulo, SP, Brasil  
CEP 04810-020  
Telefone: (11) 2127-4147  
[www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

**Categoria:** Ficção

**1ª edição:** julho de 2020

# **Sumário**

<i>Prólogo</i>	7
1. Por bem ou por mal	11
2. Trevas	29
3. A farsa	39
4. Infiltrados	52
5. Luz <i>versus</i> trevas	72
6. O ritual	89
<i>Epílogo</i>	118
<i>Sobre o autor</i>	127



## ***Prólogo***

Na pequena câmara onde o grupo estava reunido, era grande a expectativa pela chegada de Daniel. Todos estavam ansiosos para enfim conhecer o indicado para se tornar o sétimo membro do Conselho, o núcleo mais poderoso da sociedade secreta. Um dos integrantes do grupo dirigiu-se até um armário antigo, com aparência de centenário, tirou do bolso uma chave pesada e a inseriu na fechadura. Girou-a algumas vezes, e a porta destrancou.

Calmamente, sob os olhares silenciosos dos demais, ele estendeu as mãos e pegou uma pesada caixa de madeira, em cuja tampa se podia ver, esculpido a mão, um símbolo enigmático. Segurou um cordão que trazia pendurado ao pescoço e no qual havia outra chave, essa bem menor que a anterior. Retirou o cordão por cima da cabeça e introduziu a chave na fechadura. Repetindo a ação, girou-a até que um estalo alto revelou a abertura da caixa.

Então, a tampa foi aberta. Dentro do recipiente, forrado de veludo vermelho, havia uma adaga. A lâmina de prata brilhava sob a luz das velas, e o cabo ricamente esculpido, encravado com rubis vermelhos, demonstrava a antiguidade e a preciosidade daquela peça. Com notável

reverência, o homem tomou o artefato nas mãos. De repente, todos ouviram quando, do lado de fora da porta, uma voz feminina disse em alta voz:

— Eu declaro aberto o ritual!

Em seguida, um ruidoso som de palmas ressoou por longo tempo.

Poucos minutos depois, três batidas se fizeram ouvir na porta da câmara. Um dos seis indivíduos ali presentes foi até a pesada porta e a abriu, dando passagem para um estranho casal. Primeiro entrou Catarina, a mulher que ocupava um posto de alto escalão no grupo a que pertenciam aqueles homens. Logo atrás entrou Daniel, o jovem que estava sendo cogitado para a sétima vaga do Conselho.

Ele olhou em volta. Ao contrário do restante da mansão, toda de madeira rústica, aquela era a única sala feita totalmente de pedra, tanto as paredes quanto o chão e o teto. Havia um armário, uma mesa e sete cadeiras luxuosas, cada uma trazendo no alto do espaldar o mesmo símbolo enigmático da tampa da caixa. Em um canto do recinto, ervas queimavam em um pequeno recipiente, lançando no ar uma fumaça de perfume peculiar e entorpecente. Catarina assumiu a palavra:

— Daniel, estes cavalheiros formam o Conselho de nossa organização. Você está diante das pessoas mais importantes de nossa hierarquia, e é uma grande honra poder conhecê-los pessoalmente. Deixe-me apresentá-lo a todos.

Um a um, Daniel foi apertando a mão daqueles indivíduos, a quem Catarina solenemente apresentava. Ao

ver o jovem se aproximando, o homem que segurava a adaga a escorregou sutilmente para dentro da manga do longo manto que vestia. Não sabia ainda se ela seria usada ou não.

Após as formalidades, um deles dirigiu a palavra ao rapaz:

— Daniel, você foi escolhido dentre centenas de possíveis candidatos para ocupar um posto fundamental de nossa organização. É uma posição de muito poder e prestígio. Queremos prepará-lo para ser o sétimo integrante de nosso Conselho. A pessoa que ocupava esse posto faleceu, e precisamos fechar o grupo com mais um escolhido. Mas queremos alguém que tenha inteligência e perspicácia, qualidades que você demonstra ter. Também é importante que o escolhido seja detentor de um grande conhecimento sobre o universo cristão, como é o seu caso.

A conversa prosseguiu por mais algum tempo e, ao final, todos saíram da câmara para o salão contíguo, onde o ritual seria realizado. Daniel parecia convencido. Sua postura era de confiança. Dirigiu-se, então, a um dos integrantes do Conselho e disse:

— Não precisam dizer mais nada, vocês me convenceram. Eu quero esse poder. O que preciso fazer?

Foi quando aquele homem sombrio e misterioso sacou de dentro de seu manto a adaga, que reluziu em sua mão. Ele a estendeu a Daniel e disse com voz firme e ressoante:

— Que tenha início o ritual!



## Capítulo 1

### **POR BEM OU POR MAL**

*Sábado, início da manhã*

Daniel sentia-se nervoso como um noivo no altar. Plantado de pé na rodoviária da cidade, esperava impaciente a chegada de Nina, a jovem que conhecera havia um ano e com quem vinha conversando pela internet praticamente todos os dias.

No início, era apenas amizade. Então, quando o interesse mútuo ficou evidente, começaram a orar com o objetivo de se conhecerem melhor para que, se tudo desse certo e Deus confirmasse no coração de ambos a certeza do relacionamento, viessem a namorar. E, no tempo apropriado, é claro, noivar e casar.

O grande problema para aquele relacionamento era que Daniel e Nina moravam em estados diferentes do país. Os dois se conheceram quando Daniel esteve na cidade de Nina, Cruz das Almas, durante uma viagem missionária.<sup>1</sup> Agora, um ano depois, lá estava ele, as mãos suando frio, a boca seca e as pernas trêmulas, à espera da pretendente.

<sup>1</sup> Ver *O mistério de Cruz das Almas*, terceiro volume da série “Aventuras de Daniel”.

Nina havia perdido os pais em um acidente de carro e vivia com a tia, Ana Paula. Daniel era órfão de pai e morava com a mãe, dona Alzira, e o irmão mais novo, Bruno. A viagem e o encontro haviam sido combinados entre os responsáveis por ambos, com o conhecimento de seus respectivos pastores. Por isso, ao lado de Daniel, na rodoviária, estava seu pastor, Wilson, que tinha se comprometido em buscar Nina e levá-la até a residência de um casal da igreja, onde ficaria hospedada.

A história de Daniel e Nina era atípica por vários motivos, mas um aspecto tornava esse relacionamento ainda mais singular: Nina não enxergava. Era totalmente cega. Isso, para Daniel, não tinha importância. Eram o coração, a mente, o jeito carinhoso e a espiritualidade da jovem que o haviam conquistado. O fato de ela ser cega não fazia a mínima diferença para ele. Tratava-se de uma menina especial, que sempre o deixava muito feliz quando conversavam e que parecia completá-lo em tudo.

Ambos sabiam que Nina era nova demais para firmar o compromisso de casamento. Daniel estava às vésperas de fazer 19 anos, e Nina tinha apenas 16. Enquanto aguardava a chegada da jovem, muitas coisas passavam pela cabeça dele. Como um filme, Daniel começou a se lembrar de uma série de conversas e complicações que surgiram ao longo do ano anterior devido ao seu compromisso afetivo. Para começar, seus amigos, quando souberam da história, começaram a se intrometer, com todo tipo de opinião. “Você é bobo mesmo, hein, Crânio? (Esse era o apelido que os amigos da igreja lhe deram por ele se

dedicar muito ao estudo da Bíblia.) A menina dando o maior mole e você com esse papo de que primeiro tem de conhecer, conversar e orar. Tem que dar uns beijos nela logo!” Assim eram algumas das “cobranças” que Daniel foi obrigado a ouvir.

Acontece que Daniel e Nina eram jovens, mas não tolos. Ambos tinham personalidade. Ou seja, não eram de seguir conselhos equivocados. Além disso, sabiam que é preciso obedecer a Deus em primeiro lugar. E, como levavam a sério sua fé e queriam fazer tudo direitinho, ignoravam a opinião dos colegas e procuravam se comportar de modo exemplar.

E foi exatamente o que fizeram. Quando Daniel se declarou a Nina e deixou claro que estava interessado em namorá-la, primeiro pediu a aprovação da tia dela. Com a autorização dada, cada um conversou com seu pastor, para receber orientação e instrução sobre o namoro. Assim, decidiram passar um bom tempo conversando (pela internet, já que moravam longe), conhecendo melhor um ao outro e, ao mesmo tempo, orando a Deus para confirmar e abençoar a relação. De tempos em tempos se visitariam, até o dia em que, já com idade suficiente para isso, namorariam, depois noivariam e, enfim, se casariam. Mas tudo a seu tempo, sem pressa e com responsabilidade.

— Você ficou maluco, Daniel? A menina tem só dezesseis anos! — Eram essas as palavras de Binho toda vez que conversava com o amigo sobre aquela decisão. Binho havia acompanhado Daniel na viagem missionária a Cruz das Almas, a cidade em que ele conhecera Nina.

— Você tem ideia de quanto tempo vai ter de esperar até poder se casar com ela?

Com toda paciência do mundo, Daniel suspirava fundo e respondia:

— Claro que sei, Binho. Mas a gente não pode se concentrar unicamente no tempo que vai levar, e sim na *pessoa* pela qual a gente vai esperar, demore quanto demorar.

Havia uma passagem na Bíblia que sempre inspirava Daniel a esperar por Nina. Quando Jacó se apaixona por Raquel e precisa trabalhar sete anos para poder casar com ela, a Bíblia diz o seguinte: “Ele a amava tanto que lhe pareceram apenas alguns dias”.<sup>2</sup> “Isso sim é amor verdadeiro!”, ele pensava. O tempo que teriam de esperar? Um detalhe. Ele tinha convicção de que Deus abençoaria a paciência e a obediência de ambos.

Uma coisa, porém, o incomodava. Se as pressões para “ficar”, “dar uns amassos” e “transar” já eram fortes fora da igreja, não parecia ser muito diferente entre alguns irmãos. E isso o deixava triste. Numa de suas conversas com o pastor Wilson, seu confessor e amigo, Daniel desabafou sobre essa questão. A resposta que ouviu foi esta:

— É mesmo difícil, Daniel. A gente ensina, discipula, orienta, prega, mostra o que está na Bíblia. Mas parece que a influência da televisão, da internet, das redes sociais e, principalmente, dos amigos da escola e da faculdade é tão forte que valores duvidosos invadem, de um jeito ou de outro, a mente dos nossos jovens e adolescentes. E eles,

<sup>2</sup> Gênesis 29.18-20.

no final, acabam considerando aceitáveis práticas que são totalmente condenáveis pela Bíblia, como o sexo antes do casamento.

Esse era um problema sério. Não eram poucos os casos de jovens da igreja que tinham suas primeiras experiências sexuais ainda na adolescência e, às vezes, até na pré-adolescência, sem saber o mal que isso provocaria no futuro. Além de a Bíblia apontar isso como pecado, a prática do sexo em contextos equivocados pode levar a gravidez indesejada, feridas emocionais profundas e doenças sexualmente transmissíveis. Sim, dizia o pastor Wilson, o sexo é algo maravilhoso, mas Deus o preparou para acontecer exclusivamente no casamento.

E, é claro, Daniel sentia as mesmas vontades desses jovens. Isso era comum em sua idade, com a explosão hormonal que a acompanha. Mas ele sabia que também possuía a capacidade de raciocinar e de domar seus instintos. E, ao buscar a presença de Deus, era fortalecido em uma importante virtude espiritual: o domínio próprio.

Daniel começou a repassar, então, as lembranças das conversas que teve com sua mãe sobre o namoro. A princípio, ela demonstrou alguma preocupação, afinal, sabe-se lá quem era essa pessoa de outra região do país que, de repente, deixa seu filho todo encantado. E, como mãe zelosa, procurou se informar sobre Nina. Pediu ao filho que, assim que ela chegasse e estivesse bem instalada, fosse à sua casa para que pudesse conhecê-la melhor. Ele achou até graça.

— Claro, mãe! Você acha que eu vou namorar alguém, já pensando num futuro casamento, e não vou apresentar a você? — riu-se.

Órfão de pai, Daniel dava grande valor à opinião da mãe, por quem nutria muito respeito. Procurava honrá-la em tudo, como Deus determina nos Dez Mandamentos: “Honre seu pai e sua mãe. Assim você terá vida longa e plena na terra que o SENHOR, seu Deus, lhe dá”.<sup>3</sup>

De fato, o namoro tinha virado assunto em todo o seu círculo social. As meninas da igreja, que, havia muito tempo, eram doidas para namorá-lo, estavam agitadas. Afinal, ele era um rapaz sério, estudioso da Bíblia, amante da oração, educado e respeitador... enfim, tudo o que elas não viam na maioria dos rapazes, muitos dos quais, embora frequentassem a igreja, não tinham uma vida espiritual sólida.

No entanto, nenhuma delas teve sucesso ao tentar conquistá-lo. “Ainda não é hora de namorar”, ele sempre repetia diante de uma investida. Então, foi um alvoroço quando souberam que o coração dele tinha sido fisdado por alguém de fora — e põe fisdado nisso! Desde que conheceu Nina, ele não parava de pensar nela e orar por ela. E, agora, havia chegado a hora de encontrá-la.

De repente, o filme com todas aquelas lembranças foi interrompido: o ônibus que trazia Nina entrou na rodoviária e se dirigiu ao local de desembarque. Daniel parecia ter despertado de um sonho. As mãos suavam e o coração estava acelerado. Pastor Wilson olhava para ele de canto

<sup>3</sup> Êxodo 20.12.

de olho, rindo com a ansiedade do jovem. Percebeu que seria mais educado deixá-lo receber Nina sozinho, para que pudessem conversar um tempo a sós. Por isso, voltou-se para o rapaz e disse:

— Vou aguardar você no carro. Quando ela chegar, venham que estarei esperando — e, piscando o olho, deu meia-volta e partiu em direção ao estacionamento.

O ônibus parou e as pessoas começaram a descer. Daniel ficava na ponta dos pés e esticava o pescoço para lá e para cá, tentando visualizar sua pretendente entre os passageiros que pegavam as sacolas e os pertences e saíam pela porta do ônibus.

Até que...

O sorriso sumiu de seu rosto.



Para entender o que aconteceu naquele momento, é preciso voltar um ano ao passado, quando Daniel realizou a viagem missionária a Cruz das Almas.

Havia naquela cidade uma mulher muito conhecida, tanto por suas ações de caridade quanto por seu envolvimento com práticas ocultistas. Era Catarina, que os locais chamavam de “a bruxa boa”. Daniel ouviu falar dela assim que chegou a Cruz das Almas, e a conheceu pessoalmente quando foi à casa dela, a fim de reunir pistas para desvendar um mistério que intrigava a todos na cidade.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Ver *O mistério de Cruz das Almas*.

Parado de pé, na rodoviária, Daniel começou a se recordar de como tinha sido estranho aquele encontro. Catarina morava em uma casa grande, com um jardim bem verde e florido. Quando tocou a campainha, Daniel foi recebido por Henrique, um adolescente de cabelos negros e lisos, óculos arredondados de aros grossos e roupas escuras. Um ar simpático, meio intelectual. Ele parecia já conhecer Daniel de longa data, o que o deixou intrigado.

No interior da casa, Daniel viu um monte de badalques, imagens e patuás, além de quadros antigos, com molduras finamente trabalhadas, e móveis que davam ao ambiente um ar de palácio europeu. Nas estantes, muitos livros. Havia literatura oriental, de religiões ocultistas, obras com símbolos estranhos na capa, e até uma Bíblia. Em comum, todos pareciam ligados a religião. Por fim, conheceu a deslumbrante Catarina, com seus longos cabelos dourados. Ela o recebeu sentada em uma enorme poltrona acolchoada, observando-o com um sorriso de canto de boca e um cigarro entre os dedos.

— Em que posso ajudar? — ela lhe perguntou.

— Ahn... bem... eu vim até aqui porque ontem aconteceu uma coisa muito estranha. E, pelo que me falaram da senhora, imaginei que talvez pudesse me dar alguma informação.

Catarina riu, divertida.

— Fico feliz de saber que um rapaz cristão percebe que é possível pedir ajuda a alguém como eu.

A conversa se desenvolveu, e Catarina lhe confidenciou

que fazia parte de uma sociedade de pessoas de diversas religiões que trabalhavam “pelo bem comum”.

— Nós nos ajudamos, nos amparamos e prestamos socorro uns aos outros quando necessário. Vimos em você um potencial candidato para unir-se a nós. Se você decidir fazer parte do nosso grupo, nunca mais terá de se preocupar com dinheiro, emprego, bens materiais ou coisas do gênero. Nós cuidamos uns dos outros — sorriu, enigmática. — Mas não precisa dar nenhuma resposta agora. Apenas pense com calma.

Daniel pensou na proposta: uma vida de facilidades, uma fraternidade de gente que cuidava umas das outras e fazia o bem, independente da religião. O que poderia haver de mal nisso?

— Prometo que vou pensar — disse, com sinceridade. Catarina pousou uma mão em sua perna.

— Tenho certeza de que você não vai se arrepender.

Agora, um ano depois, aquelas palavras ainda ecoavam na memória de Daniel, enquanto ele via o ônibus estacionar no local de desembarque. Depois daquele encontro, nunca mais havia se encontrado com os dois integrantes da tal sociedade secreta, nem teve notícias deles.

Mas isso estava prestes a mudar. E de forma drástica.



Assim que o ônibus estacionou e os passageiros começaram a desembarcar, Daniel viu pelas janelas escuras

uma silhueta conhecida. Era um jovem de cabelos negros e lisos, óculos de aros grossos e roupas escuras.

Henrique.

Na mesma hora, veio à sua mente tudo o que havia acontecido em sua viagem a Cruz das Almas. Lembrou-se de como tinha conhecido Catarina e seu aprendiz, e de como eles tentaram abalar sua fé em Deus, a fim de cooptá-lo para sua organização secreta. E o pior: naquele momento de aflição pelo qual passava, os argumentos lhe pareceram tão convincentes que Daniel chegou a questionar o Senhor, sentindo-se abandonado.

Aquilo tinha sido terrível para ele, uma experiência da qual ele gostaria de se esquecer para sempre. E, agora, em vez de ver sua querida Nina desembarcar, quem descia do ônibus era o próprio aprendiz de Catarina.

Daniel mudou completamente de feição ao trocar olhares com aquele rapaz, que vinha em sua direção com um sorriso simpático.

— Olá, Daniel!

Daniel não devolveu a saudação. Ele sabia que Henrique tinha envolvimento com crenças e atividades perigosas e que tinha tentado atraí-lo para sua organização secreta, adepta de práticas espirituais das quais ele discordava fortemente. E o fato de ele estar ali, e não Nina, o encheu de preocupação.

— O que você está fazendo aqui? Onde está Nina?

A resposta foi cortante como uma faca.

— Daniel, onde está sua hospitalidade cristã? — debochou Henrique. — É assim que você saúda um velho amigo?